

VIAJE ECONOMICAMENTE PELO DC-4 DA VASP

RUBEM BRAGA | BRIGAS DE RUA

1232

O provérbio é herege, mas me veio através do padre Antônio Vieira, e diz que em assuntos de briga ou de guerra: "Deus se põe ao lado dos mais mosqueteiros."

Não quero comparar Deus à DOPS, mas esta fez o mesmo no Largo de São Francisco. Diz o Governador Lacerda que a DOPS "cumpriu o seu dever ao intervir na briga": não diz que interveio a favor de um lado contra outro. Este outro eram onze homens desarmados, signatários do Manifesto dos Intelectuais, que estavam cercados junto ao Monumento do Patriarca, sob ameaça de cerca de quarenta homens, todos armados de cassetete e alguns de revólver. Havia também algumas estimáveis senhoras da CAMDE que sob a proteção desses senhores da LIDER, distribuíam um artigo do escritor e líder católico, Sr. Gustavo Corção. Como o Manifesto dos Intelectuais, ou dos Profissionais Liberais, é assinado em primeiro lugar pelo escritor Tristão de Ataíde, também líder católico, seria de esperar que Deus ficasse neutro entre Corção e Tristão. A DOPS não ficou, e meteu no tintureiro os homens da oposição: pôs-se, pois, ao lado dos mais mosqueteiros, ou casseteteiros, para atualizar o bom Vieira.

Se a luta fosse apenas entre distribuidores de papéis, não creio que houvesse mal. Tanto os signatários do manifesto como as fãs do Sr. Corção poderiam entregar seus papeluchos aos estudantes e ao povo; não creio que estas agredissem aqueles, a não ser com gritos, e tenho absoluta certeza de que os subscritores do manifesto não agrediriam senhoras: Joel Silveira, Már-

cio Moreira Alves e Antônio Calado, para citar apenas estes, são senhores muito cavalheirescos, e até galantes; não afrontariam damas.

Se me ouvissem, uns e outros, nenhuns iriam à praça nessa hora, em que esse tipo de agitação dá margem a provocações. Se a ordem interessa ao Governo, ela deve interessar ainda mais à Oposição. O problema da ordem é vital, se queremos encontrar uma saída realmente democrática, que só pode ser a das eleições livres.

"Se me ouvissem..." Não, não espero ser ouvido; apenas dou palpites de meu canto, como é de meu direito. Não pretendo dirigir os destinos da Pátria. Tomei enjôo de manifestos e comícios, e não sou candidato a nada, apenas a meu lugar ao sol — de preferência na praça.

Mas acho, como ia dizendo, que a Oposição deve ser circunspecta e prudente, o que não quer dizer passiva. Se ela for leviana e radical só poderá fortalecer a ala radical do situacionismo. O espírito democrático não é monopólio de ninguém, e insisto em dizer que foi esse espírito que fez associar-se à Direita uma grande parte da opinião pública, quando a Esquerda ameaçava francamente o Congresso e a Constituição. Nestes anos 60 nenhum de nós descobriu a pólvora, nem a Liberdade, como algum neófito pode pensar.

Feita esta advertência à Oposição, quero lembrar ao Governador Lacerda que não lhe será fácil assumir o papel de candidato democrático, como parece ser o seu desejo, se ele pretender ignorar a existência de organizações como a chamada Liga Democrática Radical, a LIDER. Seu

beato Coronel Borges pode explicar o que houve no Largo de São Francisco falando em "tumulto provocado pelo povo, contrário à distribuição do manifesto". Não foi o povo, Coronel; foi, confiadamente, mais ainda, declaradamente, a LIDER. Em entrevista ao JB, um de seus chefes conta isso com toda clareza, e até alguma empatia. Diz que agiu a pedido da CAMDE para impedir a distribuição do manifesto e dissolver a manifestação. Para isso mobilizou um grupo de operação que, em três minutos, fez "completa limpeza da área". Tudo foi "apenas uma pequena demonstração daquilo que a LIDER pode fazer em escala muito maior".

Isso que o Coronel Martinelli chama de grupo de operação não é novidade alguma. Fascistas, nazistas, comunistas e anarquistas têm-lhe dado nomes diversos, como tropas de choque, grupos de assalto etc. São pequenas forças, formadas por fanáticos ou capangas — mais comumente misturados — para agir com rapidez e violência contra o adversário. São formações essencialmente antidemocráticas, e se o Governador Lacerda e o Presidente Castelo Branco vão tolerar ou fingir que ignoram sua existência e sua atividade, é porque eles não têm intenção ou não têm força, ou não têm coragem de garantir à Nação a ordem democrática necessária. Convém que cada um assuma suas responsabilidades.

E, se possível, que todos tenham um pouco de juízo, se pretendem realmente chegar a uma clareira democrática e não nos levar à selva obscura da Ignorância — ou da Inguinorância, se preferem assim.